

A cidade de Campo Grande nas adjetivações de autores memorialistas

Campo Grande city in the designations of memorialist authors

Nataniél Dal Moro¹

Resumo: Especialmente a partir da década de 1930, uma problemática obteve ênfase na sociedade do então sul de Mato Grosso: passou-se a pensar estratégias, projetar discursos e inclusive encontrar meios para transformar a urbe de Campo Grande na *cidade-símbolo* do divisionismo, prática que nesse período começava a se materializar. Tendo em vista isso, este artigo intenta problematizar os interesses de alguns grupos locais, mais especificamente de certos autores memorialistas, em veicular ao longo do século XX determinados textos à sociedade do então sul de Mato Grosso e, mais ainda, à população campo-grandense.

Palavras-chave: Cidade de Campo Grande; Autores memorialistas; Periódicos; Jornal impresso.

Abstract: Especially from the decade of 1930, a problematic gained emphasis on the society of the then Southern Mato Grosso: people started thinking of strategies, designing speeches and even finding ways to transform the city of Campo Grande in the city-symbol of divisionism, which during this period began to materialize. In view of this, this article attempts to discuss the interests of some local groups, more specifically of certain memorialist authors, on serving, throughout the 20th century, certain texts to the society of the then Southern Mato Grosso and, even more, to the population of Campo Grande city.

Keywords: City of Campo Grande; Memorialist authors; Journals; Print newspaper.

Introdução

A produção de determinados textos por parte de autoridades públicas e privadas, além daqueles escritos particularmente por memorialistas, edificaram Campo Grande como a “mais expressiva metrópole do oeste brasileiro”. Retrataram-na como uma cidade que não conhecia “limites” e como uma urbe que tudo poderia superar. De um “empório de gado” magro no final do século XIX e início do XX, a cidade se tornou, segundo o memorialista Paulo Coelho Machado (1990, p. 79), a economia mais destacada do então sul do Estado de Mato Grosso.²

¹ Professor Visitante (CAPES) no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa (UNL). Atualmente realiza estágio pós-doutoral na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: <natanieldalmoro@bol.com.br>. Este trabalho foi financiado pela CAPES e constitui uma versão bastante resumida e modificada de um subitem da minha tese de doutoramento. Para maiores detalhes, ver Moro (2012, p. 69-97). Nas referidas páginas constam outros dados sobre a bibliografia e as fontes trabalhadas.

² O autor também creditou parte considerável do desenvolvimento da cidade aos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), pelos quais era vendido o gado e chegavam adventícios. Importante destacar que o território conhecido hoje pelo nome Estado de Mato Grosso do Sul (MS) era, antes de outubro de 1977, época em que ocorreu a divisão territorial do Estado de Mato Grosso (MT) e a consequente criação de MS, denominado por vezes também como sul de Mato Grosso. A porção norte permaneceu com a denominação Estado de Mato Grosso, tendo a cidade de Cuiabá como sua capital. A respeito da maior parte dos escritos produzidos pelos autores memorialistas, é fundamental informar, conforme externou Moro (2012, p. 30-45), que eles só passaram a existir, sendo veiculados de fato na forma impressa, depois da publicação, em 1941, do livro *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, de autoria de Nelson Werneck Sodré (1941).

Na documentação que consultamos para desenvolver nossas pesquisas há muitos exemplos dessa forma de trabalho que glorificou a urbe. Entendemos que tais adjetivações não são frutos do acaso, bem como que o propósito maior do referido projeto era o de exaltar a cidade de Campo Grande e solidificá-la na memória das pessoas como uma urbe que tinha todos os requisitos para ser a capital de um Estado brasileiro. Para tanto, foi essencial o trabalho desenvolvido pelos autores memorialistas, e também por alguns periódicos locais, que pode ser caracterizado como portador de uma história linear e narrativa, que retomavam nos seus textos as ideias defendidas sobre os “pioneiros” – era assim que eles largamente eles foram retratados – na “formação” da região e da cidade de Campo Grande. Essa produção foi extremamente relevante pelo fato de reavivar, com muita constância, a ideia que a cidade seria civilizada, moderna, ordeira e estava em constante “progresso”.

Adjetivações glorificadoras: o trabalho de exaltar Campo Grande, a *cidade-símbolo* do divisionismo de Mato Grosso

A urbe de Campo Grande foi representada em inúmeras oportunidades, mas sobretudo a partir de 1932, como sendo uma cidade “melhor” do que a de Cuiabá. Esse “progresso” que alguns sujeitos diziam que havia, no entanto, não impediu que a região mato-grossense como um todo e a própria cidade de Campo Grande fossem representadas fartamente como um local onde imperava a barbárie. Pensou-se Mato Grosso, de acordo com o relato de Rubim (1939, p. 14), como um “paraíso do crime.”

Nas primeiras décadas do século XX, as representações veiculadas no litoral sobre Mato Grosso (MT) eram muito pouco elogiosas à região. Com o intuito de reverter essa forma de pensamento foi publicada, em 1914, a obra *Album graphico do Estado de Matto Grosso*. O objetivo maior era o de fazer com que o referido *Album...* servisse como “o melhor cartão de visitas que Mato Grosso poderia apresentar às nações civilizadas.” Mesmo assim, a situação não foi alterada. Depois de tanta labuta, MT continuou a não causar “boa impressão.” “Apesar de todos os esforços empenhados na sua propaganda”, informa Maciel (1992, p. 100 e 108), “o Estado ainda era associado ao atraso e ao abandono, resultante da inexistência dos principais motores do desenvolvimento: braços e estradas.”

No Preâmbulo do livro *Reservas de brasilidade*, publicado no final da década de 1930, o autor Rezende Rubim (1939, p. 14) procurou dismantelar essa forma de

pensamento sobre a região oeste do Brasil (entenda-se Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso), pois, segundo Rubim, algumas pessoas, e que eram desinformadas, tinham “a coragem de afirmar de quem nunca viu com o espírito despido de idéias apriorísticas.” Ao fazerem afirmações sobre esse Brasil pouco conhecido pelos sujeitos do litoral, os tais sujeitos desinformados acabavam por criar uma “fantasia desmedida, sempre para pior” do oeste do Brasil.

Na maior parte das vezes, sobretudo por parte dos viajantes, foi sim a “fantasia desmedida” que predominou sobre toda e qualquer forma de conceber o Estado de Mato Grosso, em particular até as primeiras décadas do século XX. As representações existentes sobre Mato Grosso nas principais cidades do Brasil, por volta do início do século XX, segundo Maciel (1992, p. 100), “não era das melhores. Grande, remoto, é assim que o estado aparecia aos olhos das populações paulista e carioca através dos jornais.”

Cotejando escritos locais, quase sempre elogiosos, com as análises de pessoas que não residiam na região, e que na maior parte das vezes tinham ao Estado de São Paulo como referência de modernidade e desenvolvimento, é possível mensurar certas gradações da expressividade, ou não, das edificações citadinas, uma vez que os escritores da terra tenderam a exaltar os feitos, minorando as limitações civilizatórias existentes, tal como pode ser verificado na maior parte dos escritos publicados nas revistas *Ouro Verde* e, mais ainda, no caso da publicação *Folha da Serra*, esta extremamente ufanista e defensora de Campo Grande e áreas próximas.

Luiz Amaral (1927), que se dispôs a observar o “progresso” local num período de dois dias, relatou que estava surpreso com a cidade de Campo Grande, em particular no aspecto da evolução material. Em muitos pontos ainda um propagador dos possíveis benefícios do imigrantismo à nação brasileira, Amaral afirmou que as pessoas que tinham migrado para Campo Grande também davam um contributo significativo para edificar o progresso agrícola da região, e citou o caso concreto de 2 mil imigrantes japoneses que haviam fixado moradia nas cercanias da urbe na década de 1920. Nas suas palavras: “Não tem ainda quatorze anos a cidade, mas apresenta aspectos admiráveis. Ampla, muito bem traçada, ruas muito largas e muito retas, com duas ordens de postes para a iluminação elétrica, abundantíssima. Comércio intenso, população operosa.” (AMARAL, 1927, p. 11-13). Esse relato do ambiente urbano aproxima-se muito das adjetivações mencionadas por articulistas locais da revista *Folha*

da Serra, como Arlindo de Andrade. Contudo, nem todos os viajantes ou visitantes que estiveram em Campo Grande propagaram as mesmas impressões sobre o espaço urbano-cidadino.

Hermano Ribeiro da Silva (1954, p. 9 e 20), filho do sertanista Antônio José Ribeiro da Silva, chegou a Campo Grande no mês de julho de 1930 e permaneceu até o início de setembro, vindo da região dos ervais, ao sul do Estado de MT, área ainda controlada pela Companhia Matte Larangeira nessa época. Depois de uma passagem pelas terras da Matte, que abrangia também plagas paraguaias, Silva constatou, ao falar com trabalhadores do local, que a Matte Larangeira, para atuar em áreas tão vastas tal qual fazia, tinha recebido “concessões inexplicáveis” do poder público estadual durante vários mandatos. Em contrapartida, esse processo vitimou “antigos e pobres posseiros pacíficos, que se desalojaram dos ranchos por ações sumárias e brutais.” (SILVA, 1954, p. 55). Muitos deles, certamente, foram para os núcleos urbanos mais próximos, dentre os quais estava Campo Grande.

Já na urbe de Campo Grande, região da indústria pastoril, que são os Campos da Vacaria, Hermano Ribeiro da Silva deparou-se com uma cidade repleta de pessoas de outras plagas, dentre as quais estavam muitos adventícios do Estado de São Paulo. Silva (1954, p. 61) mencionou que havia uma “crise que atualmente assoberba o Estado de São Paulo, daí chegam a cada momento repetidas levas de desempregados a procura de colocação e de serviço.” Essa crise, pelo que tudo indica, trata-se da crise da economia cafeeira do final dos anos 20 e começo dos anos 30. Devido à grande quantidade de desempregados, as hospedarias e os hotéis, na sua maioria muito simples, estavam todos lotados de “pessoas humildes.” O mesmo ocorreu com os leitos da Santa Casa de Campo Grande.

Hermano Ribeiro da Silva (1954, p. 60) estava em viagem pelo sul de MT com outros dois amigos, também sertanistas. Um deles, no entanto, adoeceu na região dos ervais, tendo febre que lhe causava até alucinações. Por causa disso, tiveram de buscar ajuda médica mais especializada em Campo Grande, que nesse período já era concebida como uma “cidade prodigiosa, que se criou e se desenvolveu milagrosamente no espaço de diminutos anos, atestando um progresso vertiginoso, talvez nunca dantes realizado em qualquer ponto do país.” Para Silva, havia na cidade outros e mais caros estabelecimentos de hotelaria, porém, os recursos financeiros que dispunham não lhes permitiram ficar nesses locais. Até a melhora do amigo e companheiro de viagem

passaram-se alguns dias e, então, nesse intervalo de tempo, Silva tomou conhecimento da cidade. Segundo suas impressões:

Campo Grande assemelha-se a Bauru na fisionomia da área ocupada e na forma da arquitetura, contendo diversas largas avenidas pavimentadas com asfalto bruto, possuindo prédios bonitos e modernizados. [...] Enfim Campo Grande deslumbra e cativa o viajante desprevenido, que vem topá-la à semelhança de um oásis plantado no meio do intérmino deserto mato-grossense, como que afirmando a força miraculosa da civilização, fecunda nas distâncias perdidas dos trilhos da Estrada Noroeste do Brasil (SILVA, 1954, p. 61-62).

O viajante Rezende Rubim, que esteve em Campo Grande também nos anos 30, deixou igualmente valiosas observações a respeito da modernidade citadina. Em certo sentido elas nos ajudam a contrabalançar as afirmações dos escritores da terra que diziam ser Campo Grande uma “Cidade Gigante Modernizada” (CAMPO GRANDE..., 1936, p. 99). Nessa época, a cidade de Campo Grande, então já com cerca de 15 mil habitantes na zona urbana, foi pensada por Rubim como um espaço que aglutinava vários elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma cidade moderna.

Embora outras cidades tivessem sido pontuadas pelos escritos de Rubim, a modernidade citadina de Campo Grande recebeu boa parte das observações menos controversas e mais diplomáticas do viajante, pois, de modo geral, as observações de Rubim tinham quase sempre uma contradição inerente. Ao mesmo tempo em que externavam o “progresso” e o “desenvolvimento” de algo, também diziam que o mesmo objeto representava um retardamento e uma falta de desenvolvimento. No que tange à modernidade citadina de Campo Grande, essa conduta não foi tão forte. Mesmo assim, Rubim (1939, p. 125-127) teceu algumas críticas à cidade e ao jeito de agir dos sujeitos que residiam na urbe, em particular os militares.

Mesmo tendo criticado alguns aspectos da cidade de Campo Grande, Rubim (1939, p. 146) foi mais comedido ao tecer comentários sobre tal modernidade citadina. O viajante em questão não colocou em xeque o progresso da cidade, tanto é que chegou a compará-lo com o das “modernas cidades paulistas do ciclo do café.” De acordo com o relato do viajante Rubim, publicado em livro no ano de 1939, “Campo Grande é o centro de união do povo do sul e traduz em toda a sua inquietação os seus anseios de grandeza.” Ainda segundo Rubim: “A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo

algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residências de primeira ordem. Nada fica a dever às modernas cidades paulistas do ciclo do café.”

Já Arlindo de Andrade (1934), num texto que intentava dentre outros projetos asseverar as possíveis potencialidades do sul do Estado de Mato Grosso, indicar que o povoamento na região estava aquém do ideal e inclusive criticar determinadas formas de pensamento que, no seu entender, julgava serem difundidas pelos do “norte” – sinônimo de “cuiabanos” – contra os do “sul”, escreveu em tom taxativo:

Aqueles epítetos pejorativos, – *gente de baixo, gente de fora, pau rodado, filho doutro Estado*, tem um ranço de passadismo e revela um bairrismo que depõe contra os antigos habitantes cuiabanos. Território de colonização, o de Mato Grosso é daqueles que dependem da população que chega diariamente. É esta gente chegada, *de outros Estados*, que fazendo riqueza privada, criando a economia, enche os cofres com quase toda a receita (ANDRADE, 1934, p. 66).

O escritor Monteiro Lobato (1951, p. 245), que visitou Campo Grande entre a década de 1930 e o primeiro lustro dos anos 1940, considerou-a não como uma “cidade de fim de civilização, de beira-sertão, como o viajante logicamente é levado a supor. É cidade de começo de civilização, é a coisa mais reconfortadora que em tais alturas alguém possa esperar.” Nos anos 40, o Município de Campo Grande tinha 54 mil habitantes, sendo que 24 mil residiam na zona urbana da cidade. Valendo-se inclusive de linhas de pensamento que guardam certa proximidade com os termos referidos por Arlindo de Andrade (1934), Lobato (1951, p. 244-245) atentou também para a significativa presença de “estrangeiros” no lugar. Para ele, Campo Grande tinha a potencialidade de ser a “futura São Paulo de Mato Grosso” devido às mentalidades e ambições trazidas ao lugar pelos migrantes e imigrantes que aí aportavam, sendo estes de vários lugares do mundo. “São Paulo é o que é por ser um atracadouro do pau rodado universal. Nova York é o maior centro de pau rodado do mundo inteiro. Campo Grande é também toda ela pau rodado.”

Essa presença variada de pessoas e culturas ajudou a produzir na cidade uma gama diversificada de arquiteturas e modernidades que passaram a ser vistas pela sociedade local como “superiores” às das demais cidades do Estado de MT. Essa interpretação, no entanto, conflitou não apenas com os pronunciamentos feitos nos anos 30 pelo viajante Rezende Rubim, mas também com as observações emitidas na década de 1950 por outros observadores.

Em viagem pela região sul de Mato Grosso no mês de agosto de 1955, o fotógrafo Gilberto Ferrez registrou no seu *Diário de viagem...* uma impressão pouco elogiosa à cidade de Campo Grande. Ao contrário da maioria das opiniões da população local e dos valores emitidos por impressos citadinos produzidos por grupos da elite, como a revista *Folha da Serra* e o periódico *Correio do Estado*, alguns visitantes consideraram a cidade feia, acanhada, muito poeirenta e materialmente pouco desenvolvida.³ Ao sobrevoar Campo Grande, Ferrez assegurou: é uma “cidade importante com ruas largas, muito compridas, asfaltadas e arborizadas, progressista e que do alto parece bem bonita.” No entanto, quando aterrissou e foi conhecer a cidade nas suas particularidades, reviu sua primeira impressão. Disse que a cidade era “nova” e que não havia “nada de interesse arquitetural há não ser a Matriz”. Nesse caso, Ferrez referia-se ao templo religioso da Igreja Católica.

Esse tipo de relato, assim como parte dos anteriores, evidencia o quanto particular, limitada ou, até mesmo, contraditória na análise dos depoentes, era a modernidade e o progresso de Campo Grande diante das demais cidades do Brasil, particularmente das localizadas fora do território do Estado de Mato Grosso, uma vez que o parâmetro de análise dos visitantes tinha como base, em geral, as cidades do leste brasileiro. Por outro lado, no espaço territorial compreendido por MT, a modernidade e o progresso existentes em Campo Grande eram constantemente retratados como superiores aos das demais cidades dessa Unidade Federativa. Sobretudo a partir da década de 1930, e em particular devido às questões políticas do separatismo/divisionismo (BITTAR, 1999), alguns periódicos locais e textos de memorialistas passaram a enaltecer a cidade Campo Grande, não poucas vezes dotando-a de adjetivações muito enobrecedoras.

Em 1919, Rosário Congro (2003, p. 23) denominou a cidade de Campo Grande de *Pérola do Sul*. Também no final da década de 1910, Valério de Almeida (2003, p. 24-25) afirmou que a cidade de Campo Grande era “a maior célula de progresso de Mato Grosso, com fama jamais espalhada em todo o Oeste brasileiro” e que ela representava “o empório de 18 municípios meridionais do Estado.”

O progresso citadino também foi exaltado em quase todas as páginas da revista *Folha da Serra*. Alguns dos articulistas, como no caso de Arlindo de Andrade,

³ Em alguns momentos será utilizada a sigla *CE* para identificar tanto a empresa como o jornal *Correio do Estado*.

elencaram os elementos que, no seu entender, tornavam objetivamente Campo Grande superior às demais cidades. Andrade (1936, p. 30), aberto defensor da causa divisionista, entendia que os fatores “físico e moral” nela existentes, portanto, a geografia e a população locais, transformaram Campo Grande na “maior cidade de Mato Grosso.”

O Município de Campo Grande, que em 1936 tinha ao todo 23.400 mil habitantes, contava, nessa época, com várias escolas, construções modernas, casas comerciais, estrada de ferro e instalações militares. Tudo isso, no entanto, não existiria em certa medida sem os fatores “físico e moral”. No campo natural prevaleceria, para Arlindo de Andrade (1936, p. 31), a “terra roxa”, que era uma “terra de produz tudo.” Essa mesma terra, por sua vez, tinha um “povo que ama” o lugar em que está e, com isso, o mesmo “povo” enriquece e se entusiasma em “ver a cidade subir”: “estes nortistas sadios e valentes começam roceiros e vão acabando fazendeiros, coronéis, homens da cidade.”

Políticos sulistas, porém de forma muito contida, e a elite cidadina pró-divisão alardeavam que em Campo Grande havia mais desenvolvimento, mais educação formal, melhores condições de infraestrutura, mais progresso, mais zelo pelas coisas públicas e privadas. Em suma, queriam, com isso, dizer que a capital política de Mato Grosso tinha que ser Campo Grande e não Cuiabá. Nessa lógica, o norte era representado por grande parte da elite do sul de Mato Grosso como um lugar no qual ainda predominava a economia extrativista e a de extração de metais preciosos do século XVIII, enquanto que o sul produzia sua riqueza com base no trabalho humano. Nesse sentido, o povo do sul de Mato Grosso era mais labutador do que o povo do norte.⁴

Ademais, externou-se que o norte era sinônimo de “atraso” e o sul de “progresso”, já que o sul tinha, desde 1914, ligação férrea com o leste do Brasil; contava com uma indústria pastoril forte; possuía melhores meios de comunicação do que os existentes no norte do Estado e, em razão disso tudo, era visto, via-se e representava-se como um lugar em ascensão, enquanto que o norte era externado como um lugar decadente. Até mesmo porque o sul de Mato Grosso estava muito mais próximo do leste (São Paulo e Rio de Janeiro) do que Cuiabá. Para se ter uma ideia dessa ligação basta repetir o que escreveu Arlindo de Andrade Gomes (2004, p. 94), no início da década de

⁴ Essa mensagem foi divulgada inclusive na década de 1960, em particular nas obras de Emílio Garcia Barbosa (1964).

1920: “A correspondência do Rio de Janeiro leva quatro dias a Campo Grande; a de Cuiabá, em média, dez dias.”

No final da década de 1930 e início da de 1940, o tempo gasto para transportar mercadorias para Cuiabá continuava a ser um problema. De acordo com Freitas (1995, p. 70), na “época da sêca, as embarcações” demoravam até “15 dias para aportar em Cuiabá e os vôos vinham em intervalos de cinco dias, levando dez dias para chegar ao destino final: Cuiabá.” Alguns números também ajudaram a reforçar essa concepção da realidade: a de que o sul era economicamente mais importante do que o norte.

Segundo Emílio Garcia Barbosa (1961, p. 56), mais de 2/3 do total da arrecadação de Mato Grosso provinha do sul do Estado, entretanto alardeava-se que o sul não usufruía a contento de tais contribuições. Considerável parcela das elites do sul pensava que a maior parte dos recursos ficava no norte, sobretudo na cidade de Cuiabá. Grosso modo, enquanto o pessoal do sul servia para trabalhar, o pessoal do norte servia para gastar. Não faltavam também afirmações que pensavam ser Campo Grande a economia mais destacada de todo o Estado de Mato Grosso, bem como que o sul do Estado concentrava a maior parte das cidades com algum destaque no campo da economia, além de reunir expressiva quantidade de habitantes em alguns municípios, tais como: Aquidauana, Corumbá, Dourados, Miranda, Nioaque, Ponta Porã e Três Lagoas.

Nos anos 30, especialmente após a derrota paulista, os mato-grossenses do sul e os campo-grandenses, sendo estes em particular, também teriam sido prejudicados, sobretudo pelo fato de o sul ter se posicionado constitucionalista, enquanto o norte ficou legalista. Almeida (2003) escreveu a respeito da Campo Grande dos anos 20 e a dos anos 30. Por meio do seu relato é possível perceber de forma flagrante a alteração desencadeada pela Revolução Constitucionalista de 1932 na cidade de Campo Grande, em especial no trato com a coisa pública.

Com base em afirmações de Almeida (2003, p. 22), que era jornalista, fica então perceptível que a conduta política da elite sulista em relação ao governo de Vargas produziu retaliações ao viver citadino de Campo Grande. Almeida sinaliza que a política administrativa de Arlindo de Andrade, em particular a modernização citadina, tinha sido interrompida. Contudo, os relatos que dizem que Campo Grande “sofria” em razão de ações políticas eram amainados com a exteriorização de adjetivos louváveis ao progresso dessa comuna. O próprio Almeida (2003, p. 24-25) deixou isso bem claro em

outro de seus escritos. Para ele, Campo Grande tinha na década de 1930 um “furioso desenvolvimento material, só concebível às cidades paulistas influenciadas pela cultura do café.” Além disso, mencionou que a mesma era “o empório de 18 municípios meridionais do Estado.”

No início da década de 1940, o próprio presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, externou o quão importante era a “realidade econômica de Campo Grande”. Vargas afirmou em 1941 que ela era a *Capital Econômica de Mato Grosso*, tendo em vista que possuía “arrecadação tributária maior do que cinco capitais de Estado – Cuiabá, Natal, Teresina, Goiânia e Florianópolis.” (MARTINS, 1972, p. 123). No final dessa década, José de Melo e Silva (1989, p. 85) disse que Campo Grande era a *Rosa de Amambai* e, em 1949, Almeida (2003, p. 11) chamou-a de *Rosa de Maracaju*. Nos anos 50 do século XX, os viajantes e pesquisadores Aroldo de Azevedo e Pierre Deffontaines (1956, p. 100) disseram que a agitação de Campo Grande “faz-nos pensar nas movimentadas cidades do Oeste paulista.” Parte dessa movimentação era calcada, assim podemos depreender, na base econômica do sul de Mato Grosso e de Campo Grande, qual seja, a pecuária extensiva existente na Serra de Maracaju, em especial a dos Campos da Vacaria.

Ainda na década de 1950, Campo Grande passou a ser a municipalidade mais populosa de Mato Grosso, superando Cuiabá, que era a capital política e administrativa. Em meados da década de 1950 já era a cidade que tinha o maior número de operários industriais do Estado, superando Corumbá. Em 1940 existiam 49.629 mil pessoas na municipalidade de Campo Grande, enquanto Cuiabá possuía 54.394 mil sujeitos. No início dos anos 50, a população de Cuiabá era de 56.204 mil indivíduos e a de Campo Grande tinha alcançado o número de 57.033 mil pessoas (FIBGE, 1956, p. 16). Outro fator que corroborou para firmar a ideia de que Campo Grande era uma municipalidade cujo centro urbano tinha, de fato, expressivo valor material e simbólico, era a percentagem da população total residindo no que se chama “quadro urbano”. Enquanto Cuiabá tinha 13.891 mil indivíduos na área urbana, Campo Grande possuía 16.915 mil pessoas no espaço citadino (FIBGE, 1952, p. 123).

A classe dirigente de Campo Grande – composta nessa época por banqueiros, comerciantes, diretoria dos ferroviários, militares de altas patentes, profissionais liberais, religiosos e, sobretudo, por pecuaristas – frequentava a região circunscrita basicamente pelas Avenidas Mato Grosso e Calógeras, além das Ruas 26 de Agosto e

Pedro Celestino, que no conjunto formavam um quadrilátero. Nesse espaço havia a maior parte dos estabelecimentos públicos da cidade e também boa parte das residências da elite cidadina. A Rua 14 de Julho, por sua vez, aglutinou a maioria dos aparatos microssociais da urbanidade de Campo Grande, que era composta por bares, cafeterias, clubes, comitês políticos, escritórios, restaurantes, dentre outros locais.

Essa afirmação se sustenta, no mínimo, por três motivos: livros de memórias, crônicas sociais a respeito da cidade e licitações abertas pelo poder público. A Avenida Calógeras e a Rua 14 de Julho – esta última a principal artéria comercial e de negócios da cidade desde o final da década de 1910 – eram locais de grande fluxo humano e de mercadorias. Abrigavam casas comerciais que vendiam produtos dos mais variados preços e qualidades, procedentes de inúmeros países e regiões do Brasil.

A Avenida Calógeras concentrava parte significativa dos estabelecimentos comerciais da urbe, muitos deles destinados a suprir às necessidades da atividade pecuária. Contudo, a Rua 14 de Julho era a via que concentrava o maior número de pontos comerciais. Os informes publicados em revistas de pequena circulação, porém para um público específico – pessoas abastadas – tornavam pública a existência de estabelecimentos destinados a comercializar determinados produtos e serviços como também serviam para difundir o nome de profissionais liberais que atuavam na cidade e na região sul de Mato Grosso, em particular advogados, médicos, engenheiros agrônomos e, ainda, construtores. As publicidades foram feitas nas revistas *Folha da Serra* e *Ouro Verde*.⁵ Nesses impressos fica nítida a predominância de estabelecimentos sediados na Rua 14 de Julho, principal via de comércio e trânsito da cidade.

Aventava-se que a estrutura da cidade de Campo Grande também diferia em muito da existente em Cuiabá, isso porque Campo Grande tinha traçado ortogonal desde o início do século XX. Nessa época a cidade foi considerada exemplo de estrutura urbana modernizada, pois facilitava o deslocamento de produtos e de pessoas pelo sítio urbano. Já em Cuiabá, as “ruas lembram a sua criação que remonta ao estilo colonial português (manoelino), popularmente conhecido como barroco. Casas coladas umas às outras, ruas estreitas, feitas com o propósito de transformar as moradias em

⁵ Cf. revista *Folha da Serra*, números 39, 40 e 41-42, de ago. 1935, ago. 1936 de ago./set. 1937. No final dos anos 1940, o impresso *Guia Matogrossense* (LIMA, 1948) seguiu uma política já utilizada anos antes pelas revistas *Folha da Serra* e *Ouro Verde*. O *Guia...* divulgou a existência de estabelecimentos comerciais à sociedade, contudo, a quantidade de informes era extremamente elevada, pois mais de 80% do livreto compunha-se de propagandas.

fortificações, para proteger os colonizadores do inimigo hostil.” (FREITAS, 1995, p. 113).

Na cidade de Campo Grande a situação era outra. Nas representações formuladas pela elite local, chegou-se até a re-afirmar via imprensa local e regional o que o presidente Vargas tinha dito anos antes, isto é, que Campo Grande era a *Capital Econômica de Mato Grosso*.⁶

O traçado ortogonal foi efetivamente consolidado na urbe ainda no início do século XX, tendo em vista que no ano de 1909 foi elaborada a Planta da Cidade de Campo Grande, de autoria do agrônomo Nilo Javari Barém (CONGRO, 2003, p. 41). Algumas construções foram inclusive destruídas para viabilizar a reordenação do espaço urbano e, sobretudo, público da cidade (SERRA, 1989, p. 25). A Avenida Afonso Pena foi fartamente alardeada, principalmente na década de 1970, como “a mais bela avenida do Estado de Mato Grosso.” A arborização nela existente (canteiros centrais e laterais), com cerca de 7 quarteirões, parte datada do princípio da década de 1920 e que foi levada a feito pelo então intendente municipal Arlindo de Andrade Gomes, considerado o Pereira “Passos desta terra, pois com ele desapareceram velhos pardieiros e surgiram as obras mais notáveis em prol do saneamento da cidade e quiçá do seu urbanismo” (ALMEIDA, 2003, p. 21), também é mencionada como obra digna de relevo e indicativo do trabalho da elite local em modernizar o referido espaço.

O ritmo de desenvolvimento de Campo Grande era comparado em diversos escritos como semelhante àquele das cidades tidas como mais “desenvolvidas” do oeste do Estado de São Paulo, como Bauru, Marília e Ribeirão Preto. Aliás, são inúmeras as representações que colocaram Campo Grande em um patamar de cidade civilizada, desenvolvida e ligada com o mundo do progresso, sobretudo o do leste do Brasil. Representações essas que fizeram com que o sujeito ou o espaço por ele ocupado, nesse caso a cidade de Campo Grande, fosse “percebida” como “distinta”. De acordo com Pierre Bourdieu (1996, p. 112), o “mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.”

Um dos escritos do autor memorialista Emílio Garcia Barbosa (1964, p. 12, 33, 44, 48 e 53) exemplifica precisamente, ao mencionar alguns adjetivos, essa questão. Para ele, a cidade de Campo Grande e sua região tinham um “padrão de terra forte,

⁶ É importante mencionar que essa afirmação já tinha sido feita, ainda na década de 1930, por Arlindo de Andrade Gomes (1936, p. 30-31). O referido autor, em texto publicado na revista *Folha da Serra*, denominou-se apenas Arlindo de Andrade.

vermelha ou roxa.” Mas a cidade recebeu de Barbosa também inúmeros outros cognomes, sempre muito elogiosos: *Canaã*, *Cidade Vermelha*, *Terra Roxa*, *Cidade Morena* e *Morena Metrópole*. As afirmações que Campo Grande “nunca parou” de crescer e que era o “maior centro de progresso e de adiantamento do Estado” também estão na obra desse memorialista (BARBOSA, 1964, p. 50 e 7).

As representações veiculadas pelo jornal *Correio do Estado* sobre Campo Grande foram, em geral, muito edificantes à cidade. Conferiram para ela o status de uma localidade cosmopolita, gerando até mesmo um entendimento social na coletividade que a cidade seria a materialização do pensar da elite local e da atividade econômica calcada na pecuária. Por meio desses textos, que falaram da cidade, pode-se ter uma ideia bastante aproximada de como pensava uma parte da elite local e não propriamente de como era cidade. Observemos então o conteúdo de algumas dessas representações propagadas pelo *CE* e a mensagem que as mesmas passaram a respeito da urbe.

As adjetivações feitas pelo *CE* à cidade, e inclusive ao seu passado, especialmente a respeito do início do século XX e até algumas décadas depois, pouco demonstravam que no outrora esse local tinha sido representado como “inculto” e “atrasado” frente às cidades do litoral brasileiro. O periódico fez questão de mostrar nos textos que tratavam do “progresso citadino” a face “civilizada”, “desenvolvida” e “moderna” da cidade de Campo Grande. Para edificar na memória da sociedade essa forma de pensar a concretude histórica, as representações valorativas sobre Campo Grande eram constantemente ditas e repetidas nas páginas do impresso, sempre de uma forma pedagógica. Nesse não findar das representações valorativas reside, no mínimo, um duplo propósito: enaltecer a cidade e esmaecer o quanto mais fosse possível a forma de pensar que alardeava ser Campo Grande um lugar de pouco progresso material e cultural, assim como alguns sujeitos do litoral do Brasil tinham propagado durante décadas em seus veículos de comunicação, fazendo com que fosse criada uma ideia que de a “barbárie” imperava no Estado de Mato Grosso (GALETTI, 2000).

Essas representações são inúmeras e, justamente por isso, contribuem grandemente para que se possa entender um pouco mais qual era a mensagem que esse veículo de informação quis passar para os seus leitores e para a sociedade em geral, inclusive para engajar outros sujeitos no movimento divisionista, que teve a instituição *Correio do Estado* como um campo de referência. Nesse bojo apareceram as seguintes

representações: Campo Grande sendo pensada como a “cidade das primaveras” e como a “cidade soberana da Serra de Maracaju”, região de grande importância econômica do Estado de Mato Grosso, sobretudo pela fertilidade das terras e pela qualidade do gado ali criado que, em grande parte, era vendido para os Estados de São Paulo e de Minas Gerais. Dos valores auferidos com a venda do gado conseguia-se fazer com que a cidade progredisse (VAMOS..., 1963, p. 1 e IMPRESSÕES..., 1966, p. 41).

No final da década de 1950, o *CE* representou a cidade de Campo Grande como sendo um espaço que estava no “além-Paraná”, porém, não deixava de ser uma cidade dinâmica e arrojada. A cidade de Campo Grande também foi pensada como uma urbe de “renome internacional”, em parte, pelo fato de ser a cidade que mais crescia no oeste do Brasil. Essa cidade que crescia em ritmo extraordinário era o “fruto de muitos anos de labor coletivo.” Trabalho esse que a tornou “cidade rica e importante” e, portanto, diferiu-a da maior parte do território de Mato Grosso (FALTA..., 1966, p. 2; NOVAS..., 1960, p. 4; FERNANDO..., 1960, p. 3; ESTÁ..., 1960, p. 1; A..., 1961, p. 5 e FALTA..., 1966, p. 2).

Na segunda metade da década de 1960, o *CE* pensou Campo Grande como uma “cidade rica e importante”, dando-lhe inclusive o cognome de “flor miraculosa de Mato Grosso.” Na educação, chamaram-na de “Capital do Ensino em Mato Grosso”; já no campo da construção civil, apareceu como sendo o centro de uma “Selva de Cimento Armado” (FALTA..., 1966, p. 2; PEDRA..., 1966, p. 4; ARBORIZAÇÃO..., 1968, p. 1 e CRIAÇÃO..., 1968, p. 3). Para exemplificar, construções prediais eram feitas, estudos os mais diversos vinham sendo viabilizados e melhorias de inúmeras ordens foram e estavam sendo empreendidas em várias partes da cidade. Ao mesmo tempo, o impresso rotineiramente publicou imagens desses feitos, como que procurando assegurar que a “realidade” não seria outra.

No final da década de 1960, a cidade de Campo Grande tinha, assim noticiou o *CE*, a construção mais alta em concreto armado de Mato Grosso, situada à Rua 13 de Maio: era o Edifício do Hotel Campo Grande, com quase 20 andares (NA..., 1968, p. 3). De acordo com o *CE*, o ritmo de construção era formidável: a cada 2 meses eram edificadas 3 lajes. O arremate ficou por conta da seguinte frase: “É uma prova eloqüente da força realizadora da gente que aqui trabalha e que tem na pessoa do sr. Laucídio Coelho, um verdadeiro exemplo empresarial da terra que tanto amamos.”

Considerações finais

Os posicionamentos emitidos em matérias publicadas pela imprensa, não poucas vezes portadores de um elevado grau de subjetividade, mostram a não-neutralidade e a parcialidade, ou em outros termos a atuação social/classista, praticadas pelo *Correio do Estado*, que já nos anos da década de 1960 era um órgão publicitário de grande abrangência no universo estadual, tendo em vista que sua distribuição ocorria em muitas cidades do sul de Mato Grosso e também nas principais da região norte do Estado, incluindo a cidade de Cuiabá, na época capital política e administrativa de MT.

Nesse trabalho de adjetivar a realidade cidadina, o periódico mostrou algumas das suas partidarizações sociais. Essas, por sua vez, revelam que o *Correio do Estado* era uma “força ativa” dessa sociedade, atuando não somente como partido político, mas sobretudo como partido ideológico, e portanto não como um reflexo ou manifestação do mundo social (GRAMSCI, 1975, p. 1352-1353), pois a imprensa é, ela própria, constituída e também constituidora do social, e não apenas derivação deste.

Por fim, importa ressaltar que seguidas vezes Campo Grande foi adjetivada como a expressão máxima do que havia de “melhor” no Estado de MT. Ademais, a cidade de Campo Grande representava o mais significativo elemento-símbolo do movimento pró-divisão de Mato Grosso, evidência disso é que não poucas vezes recebeu adjetivações glorificadoras. Pensamos que essa realidade pode ser observada em muitos dos textos produzidos por autores memorialistas, bem como em matérias publicadas em periódicos, com destaque para o *Correio do Estado*.

Referências

- A CIDADE quer silêncio noturno! *CE*, Campo Grande, 27 dez. 1961, p. 5.
- ALMEIDA, Valério de. *Campo Grande de outrora*. Campo Grande: Letra Livre, 2003.
- AMARAL, Luiz. *A mais linda viagem: um “raid” de vinte mil kilometros pelo interior brasileiro*. São Paulo/Cayeiras/Rio de Janeiro: Melhoramentos de São Paulo, 1927.
- ANDRADE, Arlindo de. A maior cidade. *Revista Folha da Serra*, Campo Grande, ano IV, n. 40, p. 30-31, ago. 1936.
- _____. *Erros da federação*. São Paulo: [s.n.], 1934.
- ARBORIZAÇÃO é necessária mas está errada. *CE*, Campo Grande, 28 maio 1968, p. 1.
- AZEVEDO, Aroldo de; DEFFONTAINES, Pierre. Paisagens de Mato-Grosso. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 24, out. 1956.

BARBOSA, Emílio Garcia. *Esboço histórico e divagações sobre Campo Grande*. Campo Grande: Pindorama, 1964.

_____. *Os Barbosas em Mato Grosso*. Campo Grande: Correio do Estado, 1961.

BECK, Mario Lima. *Nova querência*. Chronica das emigrações riograndenses para Matto Grosso. Porto Alegre: Selbach, 1935.

BITTAR, Marisa. *Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital*. Campo Grande: UFMS, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CAMPO GRANDE, CIDADE GIGANTE MODERNIZADA. *Revista Ouro Verde – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso*, n. 23, p. 99, ago. 1936.

CONGRO, Rosário. *O Município de Campo Grande*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2003.

criação de porcos na zona urbana. *CE*, Campo Grande, 3 ago. 1968, p. 3.

Está Campo Grande entre 50 municípios de maior arrecadação no país. *CE*, Campo Grande, 23 dez. 1960, p. 1.

Falta de transportes dificulta a ação da polícia. *CE*, Campo Grande, 26 jul. 1966, p. 2.

Fernando e a Usina do Mimoso. *CE*, Campo Grande, 30 mar. 1960, p. 3.

FERREZ, Gilberto. *Diário de viagem de Gilberto Ferrez a Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia, Paraguai e Bolívia, em agosto de 1955*. Diário integrante da exposição *Família Ferrez: novas revelações: de 26 de março a 23 de maio de 2010*, Galeria Olido, São Paulo, SP. [S.I.], 2010. 1 folder. Apoio Prefeitura de São Paulo, Cultura e Fazer Arte. Coordenação geral: Júlia Peregrino. Curadoria: Júlia Peregrino e Pedro Karp Vasquez. Consultoria técnica: Helena Dodd Ferrez.

FREITAS, Maria Auxiliadora de. *Transformações e permanências: imagens e trajetórias urbanas em Cuiabá*. 1995. 160 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1995.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE). *Censo Demográfico: Estado de Mato Grosso – 1940*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

_____. *Censo Demográfico: Estado de Mato Grosso – 1950*. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

GOMES, Arlindo de Andrade. *O Município de Campo Grande em 1922*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975, v. 2.

IMPRESSÕES de uma visita a Campo Grande. *CE*, Campo Grande, 26 ago. 1966, p. 41.

LIMA, Aristides (Dir.). *Guia Matogrossense*. Campo Grande: Rui Barbosa, ano 1, n. 1, ago. 1948.

LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e Miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Velha*. Campo Grande: TJMS, 1990, v. 1.

MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. 1992. 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1992.

MARTINS, Demóstenes. *Campo Grande, aspectos jurídicos e políticos do Município*. Campo Grande: Academia de Letras e História de Campo Grande/Alvorada, n. 1, 1972.

MELO E SILVA, José de. *Canaã do Oeste: sul de Mato Grosso*. Campo Grande: TJMS, 1989.

MORO, Nataniél Dal. *O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012.

NA última laje o Hotel Campo Grande. *CE*, Campo Grande, 18 jun. 1968, p. 3.

NOVAS agências bancárias. *CE*, Campo Grande, 16 fev. 1960, p. 4.

PEDRA fundamental do Condomínio “Edifício Terruta” será lançada hoje: crescendo com Campo Grande, progredindo com Mato Grosso! *CE*, Campo Grande, 8 out. 1966, p. 4.

REVISTA Folha da Serra. Campo Grande, números 39, 40, 41-42, ago. 1935, ago. 1936, ago./set. 1937.

REVISTA Ouro Verde – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso. n. 23, p. 99, ago. 1936.

RUBIM, Rezende. *Reservas de brasilidade*. São Paulo: Nacional, 1939.

SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Campo Grande: TJMS, 1989.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Garimpos do Mato Grosso*. Viagens ao sul do Estado e ao lendário Rio das Garças. Rio de Janeiro: Saraiva, 1954.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

VAMOS limpar a cidade? *CE*, Campo Grande, 17 jan. 1963, p. 1.

Artículo recibido: 16 de julio de 2015

Artículo aprobado: setiembre de 2015

Artículo publicado: Diciembre de 2015